



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LISETE ARNIZAUT MACHADO DE VARGAS II**

**(depoimento)**

**2013**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-348

**Entrevistado:** Lisete Arnizaut Machado de Vargas II

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS

**Entrevistadora:** Christiane Garcia Macedo

**Data da entrevista:** 19/09/2013

**Transcrição:** Bruna Tomaschwski Perla

**Copidesque e Pesquisa:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 28 minutos e 55 segundos.

**Páginas Digitadas:** 12 páginas.

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

A trajetória profissional da entrevistada; A opção pela formação em de Educação Física; Atuação na Rede Municipal de Ensino; Realização do doutorado e pós-doutorado na Espanha; Implantação do curso de Licenciatura em Dança na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Criação do Ballet da UFRGS; Salão de Dança; A escolha do tema da dissertação e seus desdobramentos; Pesquisa em Dança; Considerações finais.

Porto Alegre, 19 de setembro de 2013. Entrevista com Lisete Arnizaut Machado de Vargas a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Inicialmente gostaria de agradecer o tempo disponível. A gente sabe que é complicado achar, liberar um tempo e, também e se dispor a falar um pouco sobre essa experiência que para a gente é bastante importante registrar, principalmente aqui, do pessoal da ESEF<sup>1</sup>, a gente gosta de ter essa oportunidade. Bom, então, eu gostaria que você começasse a falar como surgiu a oportunidade de realizar o doutorado na Espanha? E se a senhora já tinha contato lá com alguma Universidade ou quem possibilitou esse contato?

L.V. – Bem, então, começamos do começo. Muito obrigada por estar mais uma vez buscando as memórias e mesmo que a gente não queira, acaba fazendo história e acaba tendo alguma coisa para contar para os novos. Fico muito satisfeita de que essa história possa interessar e ficar registrada no Centro de Memória para aqueles que se interessarem em ouvi-la. Mas eu sou professora de Educação Física, formada no IPA<sup>2</sup>, e sempre fui bailarina, desde sempre dancei. E, claro que o meu desejo era fazer uma faculdade de dança, mas faculdade de dança naquele tempo não tinha e as poucas que tinham eram em São Paulo, Paraná e Bahia. E era muito longe, eu tinha dezesseis anos e não fui autorizada também a sair, acabei optando por fazer a faculdade de Educação Física. Fiz no IPA, eu tive como minha professora de dança a professora Tony Petzhold<sup>3</sup>, que foi um exemplo para mim, e a professora Tony era também formada em Educação Física e trabalhava dança. Eu gostava muito da metodologia dela, da maneira como ela trabalhava, dos conhecimentos dela do corpo, do funcionamento fisiológico do corpo. Isso tudo me encantava no sentido que ela trabalhava o corpo, trabalhava a arte da dança e ela tinha conhecimento tanto do corpo, quanto da parte artística da dança. Então, por isso, escolhi a faculdade de Educação Física; me formei, fiz o concurso para rede pública eu fui professora do município<sup>4</sup> durante quinze anos, antes de ingressar na vida acadêmica. Antes de ir para Espanha eu já era professora da rede pública no município de Porto Alegre.

---

<sup>1</sup> Escola de Educação Física, UFRGS.

<sup>2</sup> Instituto Metodista de Porto Alegre.

<sup>3</sup> Antônia Seitz Petzhold.

<sup>4</sup> Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre.

Naquela época ainda não tinha entrado os ciclos de ensino, ainda era o ensino por séries; eu trabalhava com quinta a oitava série na escola Leocádia Prestes, quando surgiu a oportunidade do meu marido<sup>5</sup> ir para a Espanha, através do Dr. De Rose<sup>6</sup> que conseguiu essa possibilidade dele e outros colegas da Escola irem, porque eles queriam transformar a ESEF em um Campus de excelência do saber: o LAPEX<sup>7</sup>. Tudo isso para fazer o mestrado, o doutorado e, se não tivesse professores capacitados não poderia instituir o mestrado e o doutorado na ESEF, porque não havia professores. Então, eles foram incentivados pela direção daquela época para ir para Barcelona, e Barcelona também estava com os cursos preparando para a Olimpíada<sup>8</sup>, e queria formar profissionais e acadêmicos com maior capacitação nessa área do esporte, da medicina do esporte, da pedagogia do esporte, em suma, estava muito aberto o campo naquele momento em Barcelona. Ai eu fui como acompanhante do meu marido, não tinha contato nenhum com a Espanha. Quem estava indo era ele, tanto que eu pedi uma licença de acompanhamento de cônjuge na Prefeitura, e, chegando lá, eu primeiro fui para a dança que era a minha área de maior dedicação e gosto, fui para dança. Então eu fiz alguns cursos de dança clássica, comecei com curso de dança flamenca, porque eu sempre gostei de flamenco e não tinha flamenco em Porto Alegre porque no meu tempo ele estava direcionado mais para dança clássica e alguma coisa também da ginástica... Eu também participei com a professora Vera Angheben, que também foi colega aqui depois. Então eu fui para a dança, passei o ano, isso foi no ano de 1990... O ano de 1990 eu fiquei só dançando e cuidando do nosso filho, na época nós tínhamos um menino com sete meses quando eu cheguei lá. E dava a sorte de que meu marido estudava de dia e as minhas aulas eram à noite, então, um ficava durante o dia com menino e o outro saía à noite para a aula. Bom, então, no final do ano 1990 foi quando surgiu a oportunidade de entrar num programa de doutorado em História da Educação Social Contemporânea, era esse o nome, e o doutor que era o proponente desse curso também trabalhava com o curso de Educação Física, onde o meu marido estava fazendo doutorado. Eu me interessei porque podia incluir a dança nessa questão, mais do lado da Sociologia e dentro da Faculdade de Pedagogia no Departamento de Teoria e História da Educação. Eu me candidatei, eu tinha levado daqui, eu já tinha intenção de estudar lá e eu

---

<sup>5</sup> Francisco Xavier de Vargas Neto, professor da Escola de Educação Física, UFRGS.

<sup>6</sup> Eduardo Henrique de Rose, professor da Escola de Educação Física, UFRGS.

<sup>7</sup> Laboratório de Pesquisa do Exercício, ESEF/UFRGS.

<sup>8</sup> Referência aos Jogos Olímpicos de 1992.

levei daqui todos os meus documentos já com tradução juramentada, traduzidos e tal, esperando que lá pudesse ter uma oportunidade e foi o que aconteceu. Quando surgiu esse programa de doutorado eu logo me apresentei, participei da seleção, das entrevistas, e fui admitida nesse curso que eu comecei no ano de 1991. Ai eu fiz todas as disciplinas, eu comecei a me envolver com o doutorado, quando eu fui chamada de volta pela Prefeitura de Porto Alegre, porque eu já estava afastada quatro anos, então eu fiquei naquela: volto? Fico? Largo o doutorado? Optei por voltar para o Brasil e fiquei então, como eu já tinha terminado os créditos das disciplinas que tinha que fazer, para fazer a tese aqui, só que isso ao mesmo tempo foi muito difícil, porque eu voltei sozinha com o meu filho. O meu marido seguiu lá até o ano de 1995, eu vim embora em 1994, e ai foi difícil eu trabalhar, cuidar da criança, e ainda fazer tese de doutorado. Então isso fez eu me atrasar um pouco, fui deixando, e fazendo aos poucos, tive um filho no meio do caminho, e quando eu vi já tinha passado bastante tempo, eu não tinha conseguido fazer. Ai, no ano de 1998, eu já estava trabalhando no ensino superior privado quando eu tive que pedir uma licença e eu parei com tudo, apenas para escrever a tese porque eu não tinha condições de escrever, e já tinha voltado o meu marido, as coisas já estavam mais acomodadas, então, eu escrevi a tese e terminei. Vim a defendê-la em 2002, quer dizer, onze anos depois da primeira aula. Eu digo que foi um exercício de paciência, de perseverança bastante grande, mas eu sabia que eu tinha que terminar, eu queria terminar, e ao mesmo tempo foi bom, porque o meu trabalho de tese foi sobre a dança nas escolas municipais de Porto Alegre, como que a dança era trabalhada nas escolas municipais de Porto Alegre, que eu quando trabalhava na Secretaria de Educação, eu trabalhava justamente com as oficinas de dança. Comecei a trabalhar na Secretaria de Educação no ano de 1994, quando eu voltei da Espanha eu não estava mais em escola, estava na Secretaria, e isso me trouxe todo um conhecimento, um panorama de toda a dança nas escolas municipais de Porto Alegre. Então eu consegui fazer a minha coleta de dados, escrever o meu trabalho de dentro daquele contexto que eu queria. Então, nesse ponto foi interessante ter voltado para o Brasil e ter me engajado com a dança na Secretaria Municipal de Educação, porque consegui fazer um trabalho, foi uma pesquisa etnográfica dentro do ambiente das escolas que foi muito rica para mim, muito mais do que, de repente, se eu não tivesse tido essa experiência. Então, sempre as coisas tem um lado que poderia ter sido mais acelerado, mas ao mesmo tempo ele foi muito bom porque eu consegui fazer isso. Ai quando eu terminei o doutorado em 2002, que isso eu já

estava no ensino superior privado, eu dava aula no IPA, dei aula na FACOS em Osório<sup>9</sup>, onde eu coordenei o curso de Educação Física, na UCS<sup>10</sup> em Caxias, trabalhei em pós-graduação... Foi o primeiro curso de pós-graduação em dança e terapia que teve na Feevale<sup>11</sup> que o professor Benno Becker Júnior organizou. Eu ministrei aulas, ministrei esse curso de dança terapia lá. Então, eu já tinha uma caminhada em torno do ensino superior, já tinha um currículo se organizando, um currículo acadêmico para esse lado até que surgiu a oportunidade do concurso aqui na UFRGS, e eu vim para fazer esse concurso, e assim, a gente sempre tem aquela coisa: “Será que esse concurso eu consigo? Será que é para mim? “Será que tem algum? Não, foi ótimo. Foi bem difícil, não foi uma coisa muito simples, de muito estudo, de muita preparação, preparação de aula teóricas, temas bastante densos, mas foi bem interessante. Isso foi no ano de 2005 o concurso, aí eu entrei na Universidade em 2006 no meio do semestre, não estávamos ainda muito...Não tinha aulas para eu dar, porque já estava fechado o quadro de professores, as turmas e etc. Eu trabalhei mais auxiliando nos estágios, e em algumas comissões, quando eu sugeri para o professor Ricardo Petersen<sup>12</sup>, que era o diretor na época, que a gente fizesse uma graduação em dança, porque assim como eu tinha essa vontade de ter feito a graduação em Dança e não pude, outras pessoas também queriam... E no Estado, só Cruz Alta tinha o curso, ainda não tinha se instituído o curso da UFPEL<sup>13</sup>, nem da Santa Maria<sup>14</sup> que foi agora pouco, e a Ulbra<sup>15</sup> tinha um curso tecnólogo, e a UERGS<sup>16</sup> na cidade de Montenegro, mas naquela função lá, com a Fundação de Artes, não era bem UERGS, era uma Fundação. Em suma, eu propus para o professor Ricardo e ele topou, levou para o professor Alex Neto<sup>17</sup>, que na época era Pró-Reitor de Graduação, e eles acharam muito interessante de se criar, ainda mais no momento em que o REUNI<sup>18</sup> estava justamente propondo criação de novos cursos, ampliações de vagas e etc. Eu não poderia fazer o curso sozinha, eu procurei a professora

---

<sup>9</sup> Faculdade Cenecista de Osório.

<sup>10</sup> Universidade de Caxias do Sul.

<sup>11</sup> Universidade Feevale.

<sup>12</sup> Ricardo Demétrio de Souza Petersen.

<sup>13</sup> Universidade Federal de Pelotas.

<sup>14</sup> Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>15</sup> Universidade Luterana do Brasil, em Canoas.

<sup>16</sup> Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

<sup>17</sup> Carlos Alexandre Netto.

<sup>18</sup> Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

Carmen Lenora<sup>19</sup>, porque não é nem permitido na UFRGS se fazer um curso assim autoral, sozinha. Então procurei a professora Carmen Lenora que era do Departamento de Arte dramática, para compor comigo uma comissão para fazer, e a professora Mônica Dantas<sup>20</sup> aqui da ESEF, que também topou. A professora Mônica no momento estava em doutorado no Canadá, não teve uma participação muito ativa, mas também compôs a comissão, assim como a professora Carmen Lenora. Ai eu preparei, a professora Carmen Lenora me deu mais apoio político, em função do Departamento de Artes, que muitas disciplinas teriam que ser do Instituto de Artes. Aqui na ESEF a professora Helena<sup>21</sup> era a chefe do Departamento<sup>22</sup> naquele momento, também apoiou politicamente nas reuniões, e o próprio professor Ricardo também que fez todas essas questões de articulação. E, naquele momento, a professora Vera Maria da Rocha também tinha vindo do Rio Grande do Norte e estava montando o curso de Fisioterapia; acabamos nos juntando também, eu a professora Vera, cada uma montando o seu curso, nos auxiliando também, até que no ano de 2008 foi aprovado o projeto; inclusive ele podia ter sido aprovado antes, mas nós optamos por esperar o curso de Fisioterapia, que ainda tinha alguns ajustes para fazer, para apresentar os dois cursos da ESEF juntos. Foi assim que o professor Ricardo achou melhor fazer e também o Pró-Reitor de Graduação na época, o Alex, preferiu assim, e a gente então apresentou os dois projetos juntos em 2008, foram aprovados por unanimidade no CEPE<sup>23</sup>, no CONSUN<sup>24</sup>, e ai começamos o curso no ano de 2009. Mas toda essa caminhada, tudo isso que eu consegui fazer em termos de formação em doutorado, em termos de propor esse curso, logicamente, veio a partir do doutorado. E esse doutorado veio porque o De Rose levou [risos]. Então tudo vai se desdobrando, e hoje eu fico muito satisfeita porque gente já formou a primeira turma do curso de Dança no ano passado; agora, em fevereiro próximo, vai ser a cerimônia de formatura da segunda turma, nós temos uma aluna da primeira turma que já está fazendo o intercâmbio, a graduação nos Estados Unidos, está em Nova Iorque fazendo, então tudo que tu mexes...

---

<sup>19</sup> Carmen Lenora Coelho Martins.

<sup>20</sup> Mônica Fagundes Dantas.

<sup>21</sup> Helena Alves D´Azevedo.

<sup>22</sup> Departamento de Educação Física.

<sup>23</sup> Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.



C.M. – A Luiza Karnas?

L.V. – A Luiza Karnas, que foi também bailarina do primeiro elenco do Ballet da UFRGS, que foi outra coisa também que, quando eu iniciei em 2009, a Faculdade, eu disse: “Olha, nós temos que fazer um balé representativo da UFRGS”. Então, em 2010, que eu já conhecia algumas bailarinas que estavam por aqui, propus, porque naquele momento nós não tínhamos bolsa, não tinha nada. Eu propus: “Vamos fazer um balé”. Elas toparam, nós montamos a primeira coreografia que era “Sobre Kiefer e Quintana”, um poema de Mário Quintana e cantado e tocado sobre a música de Bruno Kiefer. Bruno Kiefer foi maestro professor da Universidade Federal, e por coisas do destino nós acabamos estreando na Casa de Cultura Mário Quintana, no Teatro Bruno Kiefer, então fechou todas. Fizemos o balé, e o balé também agora está ali, está dançando, está mostrando... A professora Sandra de Deus<sup>25</sup> que é a nossa Pró-Reitora de Extensão, deu o maior apoio, já nos deu dez bolsas para os bailarinos, para estarem dançando no Ballet da UFRGS, se dedicando as aulas do Ballet da UFRGS, isso é bacana. E ai então nesse pacote da graduação já entrou também o Ballet da UFRGS, já entrou um grupo de pesquisa no CNPq, que é o Grupo Arte, Corpo e Educação. E desde o primeiro ano da faculdade que nós estamos fazendo também o Salão de Dança; nós vamos esse ano para quinta edição do Salão de Dança que nós vamos fazer em conjunto com a UFPEL e a UFSM. Santa Maria esse ano começou com dois cursos de dança, o curso de bacharelado e de licenciatura, e ai, conversando com a professora Mara Rubia<sup>26</sup>, que é a coordenadora dos cursos lá disse: “Vamos fazer, então, em conjunto com a UFPEL e a UFRGS o 5º Salão, porque é bacana a gente fazer também esse intercâmbio entre as federais, os alunos, embora também seja aberto a comunidade, aberto todos”. Pois então, a gente está nesse crescendo, que até o Salão de Dança também já está fazendo em parceria com as outras Universidades e tudo isso é assim, a gente coloca no mundo e as coisas vão tomando o seu rumo. Colocamos o curso de Dança, tem vários alunos que já estão se formando, indo trabalhar em outros lugares, já viajando para o exterior, mostrando as nossas coisas; já vem o Salão de Dança e já vem o grupo de pesquisa e o tem mais o curso de pós-graduação que nós fizemos ligado a essa área, que foi a especialização em

---

<sup>24</sup> Conselho Universitário.

<sup>25</sup> Sandra de Fátima Batista de Deus.

<sup>26</sup> Mara Rubia Antunes.

Arte, Corpo e Educação, que nós terminamos em 2010. Ela iniciou em 2008 e terminou em 2010, que era dentro dessa área também já preparando pessoas que vieram desses alunos da primeira edição da nossa especialização, vários já fizeram mestrado, quer dizer, provavelmente quando se tiver novos concursos aqui já teremos alunos nossos, da nossa especialização, que fazem mestrado, que voltam. Então tu vais formando pessoas dentro daquela linha de pesquisa que tu estás trabalhando, dentro da área da dança mesmo. A dança, a gente tem essa coisa que é de todo mundo e não é de ninguém, porque fica ela é muito interdisciplinar, muito transversal, a dança está em vários pontos, ela está na Educação Física, na Arte, na Comunicação, na Psicologia, na Sociologia, na Antropologia, então, é um mundo muito grande. Então a gente mais ou menos organiza esse curso, essas pesquisas, e dando uma cara de especificidade na área da dança, como ela deve ser. São desdobramentos: o curso, pós-graduação, o grupo, o Ballet, e tantas outras coisas que a gente vai fazendo ao longo do tempo.

C.M. – Professora gostaria só que falasse mais um pouco sobre o tema da sua tese ter sido a dança, e se houve um status diferente para você chegar e propor esse curso. Como é que teve impacto esse tema da tese, até se quiser falar mais um pouquinho.

L.V. – Sim, sem dúvida. Porque como eu trabalhei a tese na área da dança educação: Como a dança estava sendo trabalhada nas escolas? Qual eram os benefícios que essa prática podia trazer? Como que essas práticas eram vistas na escola, tanto pelos alunos, quanto pelos pais, professores, diretores, em suma, por toda a comunidade escolar? Eu tinha esse panorama não só do lado de bailarina, de professora, mas também como os outros viam isso; foi uma imersão minha no campo da dança na escola, foram mais de quinze anos, desde que eu dava aula na escola, até eu fazer... A passagem que eu tive pela Secretaria de Educação, depois nas faculdades particulares, como formadora de professores de Educação Física, que também vão trabalhar a dança, quer dizer, se eu não tivesse tido essa preparação, e esse doutorado, que também causou estranhamento porque o tema não era um tema até então trabalhado academicamente: trabalhar dança. “Oh dança!” Uma brasileira trabalhando dança, ai já imaginam tudo. Eu disse: “Não, nós vamos fazer um trabalho assim, assim”. E assim foi. Provoca um estranhamento, inclusive, quando fomos montar a banca para a tese também, foram professores de lá convidados, tinha uma

psicóloga, tinha professor de Educação Física. Eram outras áreas também envolvidas ali; o próprio tutor da minha tese era professor de História, a formação dele é dentro da História, da Sociologia, alguma coisa da Antropologia, mas eu acho que se eu não tivesse tido essa formação, não tivesse essa clareza, tanto que para montar esse projeto não foi nada difícil, ele foi trabalhoso no sentido de que a gente tem que seguir muitas regras, muitas formatações desse projeto e tal, mas não foi difícil. E aí eu vejo assim: Mas por que não foi difícil? Porque eu já tinha toda a bibliografia, eu já tinha toda a linha, inclusive em um encontro de dança que teve uma vez no Encontro das Graduações, que eu fui apresentar o curso na Ulbra, foi uma das perguntas que um rapaz: “Mas qual é linha teórica desse Curso?” “Olha, a minha linha teórica é a minha tese de doutorado, que foi”. Lógico que para fazer uma tese tu lês muitas e muitas coisas até chegar naquele produto, e daquele produto surgiu esse outro produto que foi fazer esse curso, e lógico que agora que ele já tem cinco anos... Esse ano mudou o currículo, porque o currículo também é uma coisa dinâmica, também é uma coisa que tem que estar sempre se adequando, e nesse ano já houve uma mudança curricular, e sempre quando a gente termina a mudança curricular e implanta, a gente vê que já está na hora de mudar de novo. É sempre um gato e rato, fazendo e mudando, fazendo e mudando, mais a essência do curso que é formação de professores eu acho que está se cumprindo. Eu tenho trabalhado com estágios agora, eu tenho ido às escolas, eu tenho visto as alunas trabalharem, e eu vejo que está muito bom assim, o sentido que a gente está dando para essa formação, a qualidade que a gente está dando para essa formação, para esses alunos, agora também o PIBID<sup>27</sup> que veio. Eu tenho dez alunas bolsistas trabalhando com o PIBID, então, o nosso foco é a formação de professores, e na UFRGS para a formação de professores, 40% do curso é feito dentro da FACED<sup>28</sup>, então, a gente tem sintonia com o Programa UFRGS de formação de professores e mais a especificidade da nossa área, então acho que se eu não tivesse feito à tese nessa linha.... E também outra coisa que me ajudou foi que eu era coordenadora de curso na Faculdade de Osório, na FACOS, e lá na FACOS eu tive que fazer o processo de reconhecimento do curso de Educação Física. O curso tinha sido implantado pelo professor Negrini<sup>29</sup>, que também foi professor daqui e, no momento de reconhecimento do curso, eu

---

<sup>27</sup> Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

<sup>28</sup> Faculdade de Educação.

<sup>29</sup> Airton da Silva Negrini.

estava de coordenadora. Então eu tive que fazer todo o processo de reconhecimento, receber o MEC<sup>30</sup>, instalações, infraestrutura, professores, todas aquelas coisas. Depois eu estava na UCS, quando também a UCS foi ter o processo de reconhecimento do bacharelado e participei também do processo de reconhecimento do processo de bacharelado da UCS. Eu estava na São Judas<sup>31</sup> com o meu marido quando estávamos implantando o curso de Educação Física, então, eu também tive a experiência da implantação do curso na São Judas e do reconhecimento da FACOS e da UCS. Eu já sabia quem era o MEC, o que o MEC queria, o que ele exigia, todas as legislações, aquilo estava tudo na minha cabeça... E eu hoje penso assim quando eu vejo todo esse curso, esse projeto: “Meu Deus, onde eu estava com a cabeça quando eu criei tudo isso?” Mas claro, eu estava dentro da coisa, estava imersa naquilo ali, com a tese que era a temática do curso, e todas essas experiências que eu tive, Ai a coisa foi brotando, brotando e aconteceu, e que bom agora está aí, já tem novos professores, já tem formando mais alunos agora, e a coisa tomou seu rumo e que bom.

C.M. – Professora, tem mais alguma coisa que a senhora gostaria de acrescentar?

L.V. – Olha o que eu gostaria de acrescentar? Eu gostaria de acrescentar que também esse curso foi muito bem recebido, pela direção, pela PROGRAD<sup>32</sup>. Na época o professor Alex como eu disse... Foi muito defendido pelo professor Hennemann<sup>33</sup> também no momento da sua aprovação, quando o professor Hennemann disse algumas pessoas diziam: “Mas como vai ser esse curso se não tem prédio? Tem que ter prédio”. A UFRGS não tem espaço. Foi uma das coisas que foram questionadas, e também o professor Hennemann disse: “Se eu não tenho curso eu não posso pedir nada, eu tenho que gerar necessidade para depois então fazer. E como a ESEF naquele momento tinha condições imediatas de receber o curso, imediatas, porque quase não havia aula à noite, o curso foi proposto noturno, agora que ele começou a subir, a gente tinha Salas de Rítmica 1, Rítmica 2, tinha sala no Centro Natatório, o Ginásio 2 da Ginástica também se podia usar. Havia condições imediatas, claro que ao longo, porque nasceu o curso de Fisioterapia, o curso de Dança, e já estava o

---

<sup>30</sup> Ministério da Educação.

<sup>31</sup> Instituto Educacional São Judas Tadeu.

<sup>32</sup> Pró-Reitoria de Graduação.

<sup>33</sup> José Carlos Ferraz Hennemann, então Reitor da UFRGS.

Bacharelado e Licenciatura de Educação Física, mas como nada funcionava à noite a gente entrou e vários professores se engajaram também, eu trabalhava a noite nos dois últimos períodos das oito e meia as dez e tantas da noite; a professora Mônica também, a professora Nidia Kiefer<sup>34</sup> que vinha lá da Música, do Instituto de Artes, a professora Carmen Lenora. O início ele foi difícil com poucos professores, a gente tinha que se desdobrar, tinha que atender toda a Educação Física e ainda mais o curso de Dança, mas a gente acreditou que poderia acontecer então a gente foi e fez e teve essa boa recepção das parcerias, porque eu acho que se a gente não tivesse parceria, não fosse o momento do REUNI, teria sido muito mais difícil muito mais difícil. Agora a UFRGS está de novo com expansão de cursos em função do Campus do Litoral e do Campus da Serra, então, é outro momento fértil para se colocar novos cursos, que há como houve naquele momento que vários cursos de dança surgiram pelo Brasil, surgiram vários no nordeste, vários aqui. O Rio Grande do Sul hoje é o que mais tem cursos de Dança, nós temos hoje cinco Universidades com curso de Dança que até bem pouco tempo só tinha Cruz Alta. E Cruz Alta chegou agora ter que dar uma parada porque não havia mais demanda, dizem que o curso não terminou, o curso está congelado até o dia que houver nova demanda, e nós então, na UFRGS, conseguimos fazer, e eu acho que foi um avanço. E hoje nós temos concursos, professores, mestrado, doutorado, todo mundo trabalhando para que a Dança se firme como área específica do conhecimento.

C.M. – Então, muito obrigada Lisete.

L.V. – Eu que agradeço a oportunidade de poder falar, e se eu me lembrar de outra coisa depois eu te digo.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>34</sup> Nidia Beatriz Nunes Kiefer.